

Maresia

CONTO

de VINHA DOS SANTOS

I

O mar, naquela escura manhã de Setembro, estava revólto como nunca se vira em dias estivais. Impelida pela nortada, que soprava rija, vagas enormes como paredões, ensaboadas de espuma, rolavam umas após outras com o surdo fragor das grandes massas de água que se desmoronavam em fundos abismos. E o vozeirão ciclópico da imensidade líquida, ao quebrar nas penedias de fora, mais o sibilar do vento pelos ares, trazia aos de terra a sensação pavorosa de uma colossal simfonia vinda de distâncias inconcebíveis até à orla úmida da praia, num crescendo furioso de notas desabridas.

Abrigados na duna, à capa dos telhados desmantelados das cabanas, ranchos de mulheres e crianças, alapadas sobre o fiavel flexível, tagarelavam e rezavam na aflitiva ansiedade que a maresia indômita calava nos corações, enquanto os barcos não chegavam.

Olhares inquietos cruzavam-se de quando em quando em mudas interrogações.

As mulheres dos que estavam para a pesca, com os filhos chupando sófregamente os seios flácidos, alternavam preces com maldições:

—*Sinhora* da Guia, valei-lhes! Trazei-os a salvamento, *Sinhora!*

—Que mar se pôs para os pobres de Cristo que andam no ganha-pão!

—Raio de tempo! Quem havia de dizer, pelo cariz da madrugada, tão limpa, a tormenta que vai por êsse mar fora!

Algumas choramingavam:

—Que há-de ser da gente no inverno!... Se agora isto é assim, que fará depois, em chegando o Dezembro!

Como uma lamentasse já dever um rôr de dinheiro ao merceiro e não saber que contas delitar à porca da vida, outra do lado chasqueou:

—Faz como eu... Arranja trabalho na estrada...

—Já pedi ao capataz...

—E então?...

A interpelada baixou a cabeça. A outra insistiu:

—E então?...

—Então?, voltou a primeira, erguendo a cabeça e fitando-a com ar de pessoa muito ofendida.—Então?... Falei-lhe um dia, na estrada que andam a asfaltar e o cabrão pediu-me que fôsse a sua casa, se quisesse. Que lá é que se tratavam negócios.

—E tu, fôste?

—Fui... Mas antes quero esticar à fome, que aceitar as propostas daquele bandido!... O malvado, assim que entrei, pôs-se a dizer boboseiras e a revirar-me uns olhos de oode closo. Queria que eu lhe abrisse as pernas...

Um côro de gargalhadas estrugiu em volta, como se todas já houvessem esquecido os homens em perigo. Haviam-se interrompido as preces, para escutar a narrativa escandalosa.

A mulher que falava rematou com um gesto equívoco e, cuspinhando, explodiu:

—Pu! Catixa! A minha vontade era calcar-lhe aquela cara de sapo aos pés!

—Pois olha, a mim, deu-me trabalho... Observou a outra.

—Porque tu lhe abriste as pernas, grande porca!

Isto ia dando um banzé dos diabos. A que arranjara trabalho, erguendo-se de um salto, pôs-se a soltar obscenidades de fazer corar um preto, ao mesmo tempo que batia fortes palmadas nas ancas, protestando que estava tão virgem como quando saíra do ventre materno. O capataz derralhe trabalho, mas não porque ela fôsse na cantiga do sedutor. Verdade que chegou a propôr-lhe a infâmia... Ela, porém, soubera defender-se a unha e a dente; atirara-se ao machedor como um alicerço, e haviam de ver o povo que se juntou! Tôda a gente ficára a saber quem era o traste.

Súbito, um brado forte calou o borborinho da discussão.

—Lá vem um barco!

Como se a mesma mola as impelisse, levantaram-se tôdas com ímpeto. Dezenas de olhos fitaram com sofreguidão o oceano tumultuoso, àquela hora lugubrememente deserto e maravilhosamente horrível, onde as gaiotas e os corvos marinhos voavam com lentidão de pesadélo. O barco assinalado singrava velozmente, à força de remos, fortemente sacudido pelo em-

bate ininterrupto das ondas bravas.

Tôdas se persignaram, certas, na sua crença rude, de que as forças da Natureza se aplacariam da sua exaltação colérica, se assim o determinasse a vontade divina. E, mais afervorada a unção religiosa no terror infundido pela borrasca desfeita, uma voz ergueu-se trémula sobre a zoeira gigantesca do mar, numa prece súplice.

Num grupo mais afastado, rezavam o terço.

Entretanto, a embarcação aproximava-se mais e mais de terra. Distinguiam-se nitidamente os vultos dos dois tripulantes, ora recurvos sobre a arca do peito, ora retezados sobre o dorso, pé fincado nos bancos, remando vigorosamente. E o frágil barco, no ondular inquieto e inquietante, como surgia dansando na crista esbranquiçada das vagas, assim desaparecia por momentos, que mais pareciam eternidades, nos fundos boqueirões cavados sob a quilha.

Houve um segundo de estupefacção. Silenciosamente agora, as mulheres acompanhavam atentamente as manobras de aproximação de terra, reprimindo fundo a respiração. Só as crianças, abandonando as tétas bambas das mãis, berravam assustadas.

II

O canote chegara, enfim, à pancada do mar. Era o ponto mais difícil de transpôr, dada a violência das vagas quebrando na sorriba. Da pericia da manobra, e também da sorte, dependia a vida daqueles dois homens audazes.

Recomeçaram, então, as rezas, mais fervorosas, mais sentidas. Mãos crispadas comprimiam seios ofegantes. Vozes clamavam:

—*Sinhora* da Guia, trazei-os a salvamento!

O barco, levantando a frágil quilha no dorso glauco das vagas, aproara à terra, resolutamente. Rolando, uma vaga maior arrastou-o consigo até à orla da areia. Ouviu-se um clamor de alívio de alguns peitos desopressos. E o grupo das pescadeiras dispersou du-na abaixo, pelo areal macio, correndo para os primeiros que chegavam. Mas a onda,

enrolando-se com desmedida fúria, escarvando como um cavalo selvagem o bergalhau que rolava zunindo, recuou, retraiu-se, como garra abatida sobre a presa indefesa, e arrastou o barco novamente para a pancada.

A ansiedade recrudescera, mais aflitiva, nos corações, que batiam desordenadamente. Voaram pragas no vento, que açoitava as ondas e os balandras remendados da pobre gente. De fora, outra vaga pavorosa formava-se em montanha, prestes a abater-se pesadamente, com feroz estampido, sobre o batel que a precedente pusera de través.

Os dois pescadores praguejavam, esforçando-se por meter a prôa à onda traiçoeira, rema daqui, rema dali. Só assim conseguiriam salvar-se. Mas os seus esforços titânicos resultariam inúteis naquela desesperada luta de morte, naquele colossal duelo entre o homem e a imensidade.

O mulherio, impotente, soluçava e gritava de dor e raiva, arrepanhando os cabelos. Súbito, a massa líquida ergueu-se num derradeiro aranco e foi cair em cheio, pesadamente, fragorosamente, sobre os míseros heróis.

Houve um momento de indescrevível pânico. Olhos lacrimejantes procuravam, agora, no estardalhaço de água redemoinhante, os recém-vindos que a vaga engulira.

Vozes trémulas levantaram-se sobre o ulular tonitrante:

—Cão!... Grande cão!... Assassino!

Punhos fechados ameaçavam o mar. Vultos de rastros pela areia molhada retorciam-se de dor.

—Virgem, acudi-lhes!... *Sinhora*, valei-lhes!...

O canote ia, agora, à mercê das águas revólta, que o sacudiam ainda brutalmente. De quilha para o ar, semelhava um enorme cetáceo morto.

ERRATA

No artigo de Armando Martins, publicado no nosso último número,—*Resposta a José Régio que é carta aos mais escritores portugueses*—onde se lê: *numa concepção de Beleza inútil*, deve lêr-se: *numa concepção de Beleza útil*.